

## REFLEXÃO ÉTICA SOBRE A MULHER NO DESPORTO E NA VIDA: UM DISCURSO NO FEMININO.

Teresa Marinho

Doutora em Ciências do Desporto

*O século XXI será o século das mulheres. Já ninguém pode deter o movimento que constitui a maior revolução do século que está a chegar ao fim. A paridade entre o homem e a mulher é uma realidade em numerosos domínios (...). A igualdade até hoje é bastante satisfatória, mas não o é completamente.*

Victoria Camps, *O século das mulheres*

### INTRODUÇÃO

É cada vez mais premente refletir seria e responsabilmente sobre a condição humana. Discorrer sobre temas que nos dizem respeito e que nos tornam seres humanos dignos da existência que levamos posta. Somos seres vulneráveis - sangramos quando nos ferem a alma, dilaceramos quando nos faltam ao respeito, perecemos quando não nos tratam como pessoa humana. No fim, tudo se resume à relação que mantemos uns com os outros, independentemente da cor da pele, da categoria social, do país de origem, da idade, da deficiência física e/ou mental que padecemos, da religião que professamos, do ser-se homem ou mulher. A nossa sensibilidade deve alargar-se ao outro sem amarras, sem medo ou presunção. Sem negligenciar ninguém; sem criar muros da discórdia e da exclusão. Por tudo isto, é essencial pensar sobre as questões éticas inerentes à mulher no desporto e na vida. Questões que já nem deveriam fazer parte do nosso alcance intelectual, por se tornarem mesquinhas assim que adentramos no seu universo. É óbvio que não nos querendo impor ou mesmo impor o que quer que seja, não resistimos às ideias e à escrita de temas que nos parecem de uma relevância crucial para a época que vivemos: o respeito pela pessoa humana. É certo que uma escritora peleja com a palavra, molda-a, confere-lhe sentido. Também é certo que temos tendência a valorizar e a dar forma ao que mais nos toca e sensibiliza, porque é isso mesmo que nos define e nos destaca, tornando-nos livres e autónomos na arte de pensar, de reagir, de criar.

Miguel Torga notabiliza-nos: “Gravar, riscar, esculpir, cavar numa pedra, num papiro, num papel, mas em última análise, escrever – por ser a única maneira de eternizar a expressão” (Torga, 1989, p. 17). Por isso escrevo o que sinto sobre este tema, com a sensibilidade que me caracteriza, com a razão que não me deixa estremecer. Caminho sem medo por este mundo cada vez menos masculinizado e mais votado ao respeito pela diversidade humana, pelo enlevar da presença da mulher, que com o seu ser irradia esperança e ajuda a concretizar um espaço onde todos possamos viver em harmonia, escolhendo a solidariedade e o acolhimento como formas do belo e do bem viver. É urgente perceber que a vida só vale a pena ser vivida se cada um de nós der o seu melhor em todos os âmbitos da sua vida, devendo primar, essencialmente, pela forma justa de existir. Fazemos nossas as palavras de Victoria Camps: “Pensar eticamente é pensar nos outros. Se queremos que esse pensamento seja uma prática, ele deve traduzir-se em medidas de justiça e atitudes de cuidado” (Camps, 2001, p. 65). Cuidado! Palavra que nos inspira a olhar o rosto da mulher e a perceber que é no regaço materno que ela se intensifica. Palavra que une. Palavra que protege. Palavra que ama. É no cuidado e através dele que nos tornamos verdadeiramente humanos e imortais. Faz falta o cuidado. Faz falta, todavia, olhar a mulher com todo o cuidado. Para a receber incondicionalmente, e sem vacilar, no mundo do trabalho, da educação, da política, do desporto. E o desporto, com a sua pedagogia e o seu apego aos valores éticos e estéticos que o elevam e mitificam, não pode, nem deve, olvidar o sentimento de partilha, de respeito e de humanidade que o tornam universal e axial para todo o ser humano que o sente e pratica. No seu seio não há impossíveis, não há párias, não há diferenças entre homens e mulheres. Cada ser humano trabalha a sua excelência com afincio e dedicação. É hora de deixarmos de perder tempo com ideias e posturas que em nada nos favorecem como humanos que somos e tratarmos de ganhar tempo com gestos que nos engrandecem e que se preocupem com a prática diária do civismo e do humanismo que enaltecem o bem comum.

### **DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA: SER-SE MULHER NO DESPORTO**

Há muito que o desassossego tem vindo a crescer. Apesar do caminho íngreme e da dificuldade que se apresenta galgá-lo, nós, mulheres, resistimos. Porque o desporto e a vida assim nos ensinaram. No silêncio do trabalho, da disciplina e da dor, irrompe o grito que nos faz pensar que não podemos mais, que as forças nos falham, que já não nos conhecemos e perdemos a capacidade de resistir ao sofrimento, ao cansaço, à

desilusão. Permanente engano o nosso! A nossa natureza, tão pitoresca, quer sempre mais. Por isso nos destacamos e fazemos da transcendência parte do nosso ser e da nossa condição. Não nos rendemos e não nos deixamos pisar. Temos valor, ou melhor dizendo, somos valor. Um valor ontológico que transportamos na seiva irrigadora da nossa atitude e da nossa pulsação.

Este nosso arrebatamento só se torna possível porque nós, mulheres, nos (re)pensamos constantemente. Medimo-nos e medimos o que se passa ao nosso redor, sem receio de nos sentirmos confrontadas com o que possivelmente nos pode magoar. Não somos imunes à desconsolada aventura que o mundo parece não querer largar. Mas também não nos podemos deixar engolir e enfraquecer pela senilidade que vai tecendo uma teia que nos prende inevitavelmente ao hipnótico parasitismo que cria sufoco e suores frios.

Fartas que estamos desta ladainha que nos embala, causando-nos fastio e agitação, optamos por nos manter lúcidas em relação a este desconcerto, a este marasmo, a esta esterilidade e confusão. Invoquemos María Zambrano, que nos recorda que por mais que tudo isto seja um mar de naufrágio, a luta pela dignidade da pessoa humana deverá ser um projeto em permanente construção por todos nós, sem exceção: “Continuará a ser utópico pensar que algum dia a sociedade terá uma conformação, uma estrutura análoga à da pessoa humana? Que se alcançará, finalmente, um regime que se comporte como uma pessoa na sua integridade. Requisito indispensável para que isso aconteça, é que apareça a imagem da pessoa humana, que se tenha consciência dela, pois trata-se de uma realidade tal que necessita ser pensada e querida, sustida pela vontade para se alcançar. Para ser pessoa tem de se querer sê-lo, senão é-se somente em potência, em possibilidade. E ao querer sê-lo descobre-se que é necessário um contínuo exercício, um treino” (Zambrano, 2003, p. 160).

Seguimos o seu conselho e reconhecemos que de nada vale virar as costas ao respeito que nos sustenta. Até porque não podemos nem devemos trair o nosso instinto, que representa a inspiração que trazemos cá dentro e que nos torna humanos. Humanos, demasiado humanos! Demasiadamente centrados na mesquinhez que segrega, humilha, olvida, não reconhece, não respeita, não acolhe e não cuida, recusando-se a perceber a pessoa humana como riqueza e beleza e vastidão e substância. Proclamando fraqueza e inferioridade e decidindo ideologicamente, politicamente, culturalmente, socialmente que papéis atribuir a quem, quando, como e porquê.

Daí a nossa voz erguer-se sem medo da escuridão. Sem temor das palavras e das ações que ainda persistem com o intuito de nos rebaixar, de nos dominar, de nos tentar remeter ao silêncio, de nos submeter ao que nos é inculcado, de nos (tentar) tirar as forças, de nos levar a pensar que está tudo bem. Nós, mulheres, clamamos por justiça em todas as áreas de intervenção. Desde a política ao desporto. Pugnamos por respeito, sempre! Sustentamos um humanismo que acarinha e defende a dignidade da pessoa humana em toda a sua extensão. Protegendo-a e respeitando-a sem a magoar ou aviltar, porque cada um de nós acarreta uma honradez que se estende a si próprio, ao outro, à natureza, à vida. Parece pertinente trazer à colação o que nos diz Emmanuel Lévinas: “De facto, trata-se de afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou da deposição do eu soberano na consciência de si, deposição que é precisamente a sua responsabilidade por outrem. A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente, não posso recusar. Este encargo é uma suprema dignidade do único” (Lévinas, 2010, p. 84).

A ignorância, a insensatez e a leviandade têm vindo a demonstrar atitudes pouco éticas no tocante à presença da mulher no desporto. Denota-se, todavia, e apesar das significativas mudanças a registar a partir da segunda metade do século passado, que a desigualdade de oportunidades ainda é bem visível e difícil de erradicar na sua totalidade. O afastamento das mulheres dos órgãos de decisão é, todavia, bastante notório e de difícil resolução: “A igualdade de oportunidades (ou a falta dela) na participação olímpica, tal como no desporto em geral, radica, em parte, na reduzida representação das mulheres em órgãos de decisão e, conseqüentemente, na falta de poder directo das mulheres. O poder não é ter a hipótese na escolha de um determinado número de alternativas, mas sim ter a hipótese de estar envolvido/a na formulação dessas alternativas” (Botelho Gomes *et al.*, 2006, p. 79). Vivemos num mundo onde as decisões são tomadas maioritariamente por homens, sendo as mulheres relegadas para um lugar mais “maternal” de intervenção. A formulação de alternativas é uma tarefa de todos nós, mulheres e homens, sempre na base do respeito mútuo e do aproveitamento das capacidades morais, culturais e intelectuais de cada pessoa, onde a indiferença, o egoísmo e a sobrançeria não ocupam lugar.

Toda esta tradição cultural que inferioriza, anula e relega a mulher para o plano dos afetos, dos sentimentos e das emoções, tornando-a numa personagem frágil e de devaneio estético, começa a não fazer sentido no mundo atual, já que para vencerem

estes estereótipos, as mulheres foram desenvolvendo, ao longo da luta que têm vindo a travar, um espírito contumaz, independente, trabalhador e responsável. Dando expressão à sua existência e ocupando o lugar que lhes pertence por natureza. Cada pessoa dá o melhor que tem de si, independentemente da identidade que leva posta. Já é tempo de começarmos todos a crescer por dentro e de transbordarmos um sentido de segurança e generosidade mais apurado e dedicado à construção de uma convivência mais fraterna: “O valor, o mais precioso dos valores humanos, o atributo *sine qua non* da humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo” (Bauman, 2006, p. 111).

Olhar para o panorama atual desportivo e perceber o quanto ainda tem de percorrer a mulher para poder ver o seu intento plenamente satisfeito, não nos deixa repousar. Significa que a luta pelos direitos, que nos deveriam pertencer com toda a simplicidade, permanece e afigura-se perene. É este o espírito agónico que nos qualifica e valoriza. A luta que cada pessoa entende ser a sua por direito estende-se por toda a eternidade e dá sentido à vida. Devemos pugnar por um desporto onde o respeito pelo esforço, pelo trabalho e pela dedicação de todos os atletas, sem excluir ninguém, representa o mote para o alcançar da excelência humana. Seria de assaz acuidade mental acabar de vez com a diferença substancial de prémios monetários atribuídos nas competições. Normalmente, o prémio atribuído à competição masculina é mais avultado que o da feminina, não encontrando nós justificação possível para este tipo de atitudes retrógradas e fora de circulação. Continuamos sem perceber o que vai na cabeça dessas mentes brilhantes que fazem parte da organização das competições. Naturalmente não fazem ideia das horas que tanto homens como mulheres dedicam a treinar para se apresentarem na plenitude da sua forma competitiva. Leigos, por sinal!

Mas este desfasamento não fica por aqui. Constata-se que o número de treinadoras é inferior ao número de treinadores; na arbitragem as mulheres estão em minoria; o número de mulheres que ocupa os órgãos de decisão é reduzido; a participação das mulheres no desporto de alto rendimento é muito menor que a dos homens; a linguagem utilizada pelos meios de comunicação alivia em demasia o corpo estético em detrimento do corpo que produz; há modalidades para homens e modalidades para mulheres, tal como constata Catherine Louveau: “Os modos de envolvimento desportivo do homem e da mulher traduzem, com efeito, as maneiras como cada um se apropria do espaço e do mundo. As representações «permitidas» no desporto são as mesmas que as profissões

«autorizadas» às mulheres. Mostrar ou exercer a sua força, entregar-se a um combate, dar ou levar golpes, assumir riscos corporais são atributos que as mulheres parecem não poder fazer seus e portanto pertenceriam, como coisa particular, à masculinidade” (Louveau, 2004, p. 24).

Não basta falar sobre dignidade, pronunciando a palavra ligeira e imprudentemente. A dignidade é o coração da pessoa humana. É o cordão umbilical que a liga à beleza, ao amor, ao respeito, à bondade e à alteridade. É o manto que a aquece e a faz ter a certeza de que está no mundo plenamente, com coragem para fazer de cada momento da sua vida um eterno espanto. É amar com intensidade e abraçar carinhosamente quem conosco partilha esta aventura. Custa ser-se digno hoje em dia. Talvez por ser bem mais fácil falar e escrever bem. No momento de atuar a covardia toma o seu lugar e acabamos por fazer o mal. Atuando de acordo com o que esperam de nós, com medo de represálias e do olhar reprovador do outro. O desporto acolhe no seu regaço a força de cada atleta. Leva a que cada um de nós quebre as barreiras do seu espírito e supere as hesitações da sua alma. Conduz o corpo a sensações de êxtase, cansaço e dor. Façamos por fazer valer os valores que o desporto representa, através de posturas dignas de exemplaridade e probidade, independentemente da pessoa que nos aparece no caminho. Fazer valer a nossa humanidade com racionalidade e sensibilidade, não olvidando que a tarefa que aqui nos traz supera a animalidade e a ignara condição, abeirando-nos da claridade que a poetisa Sophia de Mello Breyner tão bem caracteriza:

*Se tanto me dói que as coisas passem*

*É porque cada instante em mim foi vivo*

*Na luta por um bem definitivo*

*Em que as coisas de amor se eternisassem.*

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Se tanto me dói que as coisas passem*

## **NECESSIDADE DE UMA ÉTICA DO CUIDADO**

Aspiremos então às coisas grandes e ao sentido de justiça que levamos dentro de nós, mas que por vezes nos esquecemos de colorir com os atos mais puros e autênticos. Anelemos a uma outra realidade ética, bem diferente da que vivemos neste preciso

momento. Está na moda violentar, injustiçar e rebaixar a pessoa humana. Permanece a injúria da escravidão, da violência e da agressão que tanto assalta as mulheres e que as tenta impedir de progredir tanto a nível pessoal como a nível profissional. Os espíritos mais fecundos na arte do aviltamento alegam fraqueza, divisão de papéis e tarefas e incapacidade física e intelectual da mulher para lidar com certas profissões e cargos dentro das instituições. Anulando, deste modo, a autonomia, o mérito e o acesso da mulher aos cargos de decisão. Está bem patente nesta atitude um assalto à democracia e com ela a incapacidade de cooperar e respeitar a diferença: “Neste momento, o que faz falta na vida pública é, precisamente, a capacidade de uns e de outros para cooperar em torno de projetos comuns ou para conviver com um mínimo de dignidade e de bom senso. A hiper-regulação a que se tende é um sintoma da falta de princípios comuns. O resultado é uma democracia decadente e insatisfatória” (Camps, 2001, p. 90).

É esta insatisfação que leva a mulher a combater todos os tipos de repressão, perseguição e debilidade intelectual que continuam a persistir no seio de uma sociedade que postula o progresso e o conhecimento. No entanto, não basta apregoar de forma vincada que as coisas estão a mudar e que a lei favorece a igualdade entre homens e mulheres; é de extrema importância atuar no terreno e efetivar as ideias que estão no papel e na boa vontade de muitas pessoas de bem, mas que, muitas das vezes, traduzem-se em expressões de aversão e delinquência por parte de grupos de tiranos que governam a seu bel-prazer.

A mulher independente continua a trabalhar dentro de casa e a tratar dos filhos. A sua condição é dupla: de mulher e de profissional. Tem esperança que o panorama mude e continua a lutar pela conquista do lugar a que tem direito, como qualquer outro homem. Quanto mais luta, mais se apercebe que o mundo é um lugar inóspito, duro e hostil. Por isso, o sentimento de justiça que carrega dentro de si é revelador da eterna vigilância pela constante capacidade de fazer frente às dificuldades que lhe vão sendo impostas. Sem fazer cair por terra a sua intuição e a sua propulsão para alcançar com hombridade o tamanho dos seus sonhos e propósitos, nunca contornando as vicissitudes negligentemente, mas olhando-as de frente e com elas aprendendo ilimitadamente, de modo a que o seu espírito não se deixe entorpecer pelo mais vil dos gestos e pela mais torpe das ambições. Propõe-se combater a irracionalidade que a asfixia, contemplando profundamente os valores éticos que lhe dão força para continuar e que a arrancam da crueldade e da insensibilidade que vai pululando com persistência pelo caminho fora.

Faz-se a oportunidade de desprezar esta fúnebre percepção de que já nada há a fazer pelo mundo. Sentimento que se repudia, pois a nossa habilidade sobrepõe-se à lamúria e à lúgubre visão de uma vida sem sentido. A busca do sentido digno da existência, pleno na sua orientação por tudo o que é humano, representa a lucidez e a devoção pelo rigor e pela utopia de uma sociedade que se reja pelos princípios éticos do cuidado, do acolhimento, da liberdade e da convivência.

Leonardo Boff convoca este sentir ontológico, que se dá pelo nome de cuidado, e que mais do que um ato deverá representar uma atitude que se estende ao outro que se apresenta perante nós: “Pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não temos cuidado. Somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica (que tem a ver com a essência do ser humano) que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos” (Boff, 2011, p. 89). E aqui, o filósofo, não faz distinções entre a natureza do homem e da mulher. O apelo é para que ambos se unam na persecução de um propósito comum, que deverá ser a intenção de um projeto que prime pelo zelo, pelo bom trato e pela responsabilidade que cada um deve ter por si e pelo outro. Na realidade, e segundo Maria Luísa Ferreira, a natureza humana era mista nos seus primórdios. Mas Zeus cortou o ser uno que nos caracterizava em duas metades, que a partir de então nunca mais deixaram de se desejar mutuamente (Ferreira, 2007).

“O outro se dá sempre sob a forma de homem e de mulher. São diferentes mas se encontram no mesmo chão comum da humanidade. Ambos realizam, em seu modo singular, a essência humana, abissal e misteriosa. A diferença entre eles não é algo fechado e definido, mas algo sempre aberto e plasmável, pois se encontram em permanente inter-ação e reciprocidade” (Boff, 2011, p. 139). O cuidado, algo que se pensa ser unicamente propriedade da dimensão feminina por estar muito ligada à questão da maternidade, é efetivamente parte integrante da essência humana, não escapando a dimensão masculina a este valor existencial. O medo que a diferença representa não pode, de forma alguma, inibir o nosso gesto conciliador e de entreajuda. Toda pessoa humana, toda vida humana, como nos adverte Jürgen Habermas: “mesmo nas suas formas anónimas possui ‘dignidade’ e exige ‘respeito’” (Habermas, 2006, p. 80). E a mulher sabendo-se de carne e osso lança sobre si um manto de possibilidades, não se rendendo ao temor e à hesitação que a sua presença possa causar. Pois a sua

grande vocação é não deixar cair por terra os pilares essenciais do esforço que tem vindo a empreender, a saber: a educação, o emprego, a política e os valores éticos.

O seu carácter pauta-se pelo respeito que tem, acima se tudo, por si própria, para que depois o mesmo se possa estender aos direitos que tenta inauditamente tornar também seus. E apesar de muitas das vezes lhe ser negado o acesso a muitos caminhos, avenidas e portos de abrigo, a sua contumácia não esmorece e não se deixa vencer por contratempos e investidas vãs. Porque a ética das relações humanas vive de gestos que são praticados diariamente de coração aberto. Ações que não se escondem por detrás de intenções mascaradas, com o intuito de destruir quem trabalha e se esforça por poder contribuir com mestria. Daí a importância do cuidar e da contemplação sincera do seu significado. De nada nos serve negligenciar o que somos em essência só para nos sentirmos regozijados com o poder de humilhar e apoucar quem de nós se diferencia. Visto, “queremos também ser tratados como seres humanos, porque a humanidade é algo que depende em boa medida do que fazemos uns com os outros” (Savater, 2011, p. 65). A riqueza da diversidade humana é o fermento para a construção de uma outra humanidade, mais solidária e despojada de maldade, rancor, inveja e menosprezo.

Parece fundamental não correr riscos de nos tornarmos secas por dentro; de nos desconsiderarmos e mantermos cativa a nossa capacidade de sermos clara, pura e perenemente. De fazer sobressair no outro, como devemos fazer sobressair em nós, a beleza serena de uma pincelada humana que nos vai dando forma, revelando a bonomia que carregamos cá dentro com tanta força, inteligência e graciosidade. Se nos tolhermos perante nós próprias, estaremos a criar um sem fim de ladeiras que nos retirarão a energia para continuarmos a buscar o que nos faz falta. Reside bem cá dentro, no mais recôndito dos espaços perdidos, algures por aí, a capacidade de não estremecermos perante a grandeza do universo, seu rumor e desafio. Este momento é só nosso, onde transformamos a pequenez em grandiosidade e o grotesco em fosforescência ética e estética. Uma vez mais, Leonardo Boff indica o caminho, enlevando o valor do saber ser, estar e agir com aclamada beleza e cordialidade: “Cuidar do outro implica um esforço ingente de superar a dominação dos sexos, desmontar o patriarcalismo e o machismo, por um lado, e o matriarcalismo e o feminismo excludente, por outro. Exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas

como desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana. Essa convergência na diversidade cria espaço para uma experiência mais global e integrada de nossa própria humanidade, uma maneira mais cuidada de ser” (Boff, 2011, p. 140).

### **FORMAR PARA O BEM COMUM: O DESPORTO COMO VIRTUDE**

Ser-se humano pressupõe viver de forma condigna. Viver para um ideal que aspire à lonjura do esplendor do ser, sua força e carisma. Supõe uma luta constante, uma voz a pulsar, uma atitude sem nenhum retoque e sempre fiel à verdade. Daí o nosso voo catapultar as asas para o céu desconhecido. Erguer-se e perder-se no infinito. Fazendo diluir essa amargura que é ser-se humano, procurando adocicar a existência com a eterna esperança de se tornar divino. Que indecisão tão satisfatória! Que belo quadro pintado pela mão de quem sabe que tudo pode acabar a qualquer instante! Esta brevidade traduz-se na insistência de nada aceitar como certo, alertando o nosso espírito para a imprevisibilidade da vida e para a imensidão que levamos dentro de nós - trágica e sublime, larga e absorvente, sensível e incontestável. Desde o embrião à pessoa idosa, a vida é uma inspiração permanente, uma construção serena e consciente, uma façanha que se inova e justifica pela simples razão de bombear o sangue e dar luz às artérias que percorrem o corpo e a alma num ritmo arrepiante que só se desliga quando a força do universo assim o quiser, sem pedir licença, sem um ruído, sem as devidas apresentações.

Por tanto, urge fazer da vida um espaço de todos e para todos. O tempo não nos permite perder tempo com futilidades e inutilidades. Pelo contrário, o nosso coração deve bombear os ideais que se encontram bem plasmados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, nomeadamente, no Artigo número um: ”Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. E aqui se apresenta a *práxis* como consciência coletiva e respeitadora dos direitos humanos. Ninguém fica de fora. Aliás, ninguém tem o direito de decidir o quer que seja contra um seu semelhante. A vã cobiça de mandar, a cegueira, o complexo de super-homem e a ideia de que a impunidade é um estado de graça, atiram cada vez mais esta sociedade para o precipício, para o vazio, para o estado líquido de permanecer.

Assim, e segundo Peter Sloterdijk “uma ética do ser será a de uma sociedade em que os seres humanos se entreatam no amor e na crítica para que a vontade de verdade possa tornar-se entre eles mais forte do que essa vontade de poder e de auto-afirmação existente em cada um. A ética do ser salta para lá da esfera das dissimulações polémicas” (Sloterdijk, 2011, p. 382). A natureza do humano deve estar votada para a incessante renovação e reavaliação da escala de valores. Olvidados parecem estar os valores morais e éticos em detrimento dos valores materiais e fugazes. Não podemos permitir que o mundo se renda a este estado de coisas tão caóticas e desumanas, sem um grito de dor, sem uma expressão de contrariedade.

Centremos, então, a nossa aspiração numa formação que tenha em conta a vulnerabilidade do humano. Criando em cada um/a dos/as educandos/as uma responsabilidade isenta de insegurança e desprezo e levando-os/as a compreender que uma postura digna perante o mundo é meio caminho andado para uma perceção mais arrojada e autêntica de estar e viver no mesmo. A formação da virtude não pode ficar aquém do humano, pelo contrário, deve enlevá-lo e permitir a sua ascensão à cultura, ao fogo do conhecimento, à justiça que cuida e protege a fragilidade de quem mais precisa e se vê desamparado hoje e sempre. Deve propiciar o pensar autónomo e a argumentação corajosa das crenças e convicções de cada um. A dinâmica social é feita deste movimento intelectual, do comprometimento de todos pelo bem comum, do respeito pela diversidade e pela cultura que cada um traz consigo. Formar, neste sentido, é educar para uma harmonia global, onde todos possam escutar com apreço a voz do outro, respeitando os seus silêncios, as suas indecisões, os seus sentimentos e as suas palpitações.

Porque tal como sustenta Padre Manuel Antunes: “é a pessoa que, em primeira e última instância, se encontra em causa; é a pessoa humana que se trata de defender e promover; é a pessoa humana que, humanizada, por sua vez humanizará a Terra” (Antunes, 2005, p. 180). Humanizando tudo e todos e deixando a plenitude e a autenticidade na sua pegada. É urgente formar a pessoa humana e ensiná-la a erguer a espada que corta ousadamente com o politicamente correto, com a impostura e com o faz de conta. Tempos correm que não nos podem ser indiferentes. O nosso pacto com a vida não nos desmerece, mas também não nos dá tréguas. A vida obriga-nos a criar e a reagir. A viver sem a perícia do contorno do sacrifício, que violenta e apequena a aspiração de se ser alto, de se ser livre, de se ser simples e humildemente.

E o desporto encerra em si esse ideal de sublimidade, pois com ele devemos educar a pessoa e fazê-la entender que o verdadeiro valor a ter em conta é o da relação humana. Precisamos, por tanto, de renascer. De voltar a ser humanos: quentes, éticos, sagazes. Torna-se essencial reposicionar a nossa postura perante a cultura do nosso tempo e perceber que temos de criar e pintar este mundo com outras cores, encontrando dentro de nós a disponibilidade para nos enraizarmos em nós próprios e no outro. O desporto é o campo onde o autêntico se dá a conhecer. É o campo da verdade insofismável do ser humano, a morada da pessoa sensata, o *locus* de um processo que não dá tréguas e que exige muita concentração, sofrimento e dedicação.

Não podemos negar que o desporto continua a ser aquele espaço onde nos sentimos completos, reconhecidos, acarinhados. Dele tentamos afastar todo o tipo de fraudes e traficâncias. Porque dentro dele sentimo-nos seguros e protegidos dos males do mundo: sentimos a sua limpidez, humildade, sabedoria, dignidade, beleza, retidão, respeito, justiça e seriedade. Trair o desporto é traír a nossa humanidade. Sejamos cada vez mais sinceros na arte de saber estar no desporto, para que depois a transposição destes valores para a vida seja uma indicação de transparência e sensibilidade. No entender de Jorge Bento: “o desporto anda por aí a desafiar-nos a esgotarmos o campo do possível no aprimoramento do homem, do seu coração e olhar, dos seus sentimentos e gestos, princípios e valores. Por isso é absurdo depreciá-lo em nome do humanismo ou atentar contra este em nome do desporto. É antes legítimo e justo saudá-lo como um pilar do humanismo e augurar-lhe um longo futuro no cumprimento dessa missão” (Bento, 1998, p. 169).

As Faculdades de Desporto não podem nem devem recuar perante a sua missão. O seu gesto é fundamental e deve pautar-se por renovar os modos de ser e de estar dos estudantes. Sejam eles homens ou mulheres. A formação não pode ser unicamente dedicada à publicação de artigos científicos. As aulas, o contacto humano, é fundamental para recriar a sociedade que se pretende: dialogante, cooperante e solidária. O papel dos professores não pode, de igual modo, subtrair-se ao seu mister de educadores e de um eterno exemplo de compromisso, afeto e renovada paixão pelo seu labor. Apesar de tudo, apesar da ignomínia, do desrespeito, da injúria e da traição de que são alvo. Devem sair do marasmo e da paralisia e soerguer-se, sem medo. Devem falar, discutir, esclarecer e lutar pela sua dignidade, em conjunto. Devem sair da

escuridão e ascender à claridade, abrindo o coração à mais alta determinação, obstinação e tenacidade.

Por isso se torna tão importante investir em disciplinas que voltem a olhar o humano de outro modo, apostando na intervenção cívica e de cidadania, invocando a filosofia, a literatura e a poesia como a cultura do pensamento e da ação moral que se perpetua pela vida e que nos acompanha nos momentos mais difíceis desta aventura que se pretende com sentido. Na *Paideia* de Padre Manuel Antunes encontramos quatro aspirações “de fundo que habitam o homem dos nossos dias, o realizam ou, pelo contrário, o frustram:

- A aspiração à dignidade de pessoa consciente e livre;
- A aspiração a ter uma oportunidade para dar a sua medida;
- A aspiração a ter uma garantia de segurança;
- A aspiração a ver-se reconhecido e tratado como responsável.

É bom fixar: dignidade, oportunidade, segurança, responsabilidade” (Antunes, 2005, p. 305). É bom interioriza-los e fazer deles regra para a con-vivência do nosso dia-a-dia. A educação e o desporto são pilares que sustentam essas aspirações, porque fazem sobressair o melhor de nós. Porque nos edificam e nos constroem com base nos valores, nos valores essenciais do humanismo e da afetividade, que são os que estão em falta e que arrasam miseravelmente a humanidade. Repare-se: é na palavra que nos fazemos, que somos, que nos transcendemos. Na sua serenidade e da elevação que emana.

Não podemos deixar a pessoa humana ao acaso, injetando-lhe uns quantos conhecimentos e esperando que a densidade que se pretende nasça por si mesma, sem a condução necessária da alma. É fundamental percorrer outro caminho que não o da ignorância, levando a pessoa a escolher o Bem e a fundamentar-se na verdade e na justiça. Até porque como nos sugere Tzvetan Todorov: “a ignorância é uma desculpa provisória; a partir de um certo ponto, é culpada” (Todorov, 1991, p. 177). Cabe a todos nós acordar deste sono tão hipnotizador e conveniente e dar as mãos. Só renovando a forma de estarmos juntos, assim como a cultura dominante de inferiorização da mulher e dos seus direitos, é que conseguiremos atingir a sociedade ideal. Parece uma utopia o que aqui exaramos, no entanto, convém lembrar que a utopia é a aspiração ao ideal, ao perfeito, ao absoluto. É estar permanentemente em processo de realização, é existir em

nome de uma ideia. A utopia ao fragmentar uma dada ordem cria um sistema de valores que se propõe trazer o futuro para o presente e apresentar alternativas comportamentais, cívicas e sociais. No desporto e na educação vivemos a utopia com intensidade. Apoiamo-nos nela para sermos maiores e melhores todos os dias. É essa capacidade de superação, apesar das ladeiras e das fragas no caminho, que nos faz continuar. Porque o sentido da utopia é o sentido do sonho e da esperança, é o sentido que damos à vida, é a capacidade de planear, de treinar, de construir, de viver.

“E porque o modo como vivemos não é irremediável, a nossa cidadania plena implica continuar a questionar teimosamente os papéis sociais atribuídos a mulheres e homens, a interrogar a fractura destruidora entre o nosso universo [das mulheres] público e privado, a entender de formas cada vez mais críticas e questionantes os universos em que nos movemos, a interrogar a política” (Araújo & Magalhães, 2000, p. 7). Todas juntas, sem invejas e vaidades, a mover a nossa ação para junto do que é correto. Educando para o entendimento de que é primordial a participação da mulher em todos os parâmetros da vida económica, social, política, desportiva e cultural. O ataque às liberdades individuais deve ser combatido por todos nós, homens e mulheres. E para que seja mais fácil compreender tudo isto que aqui foi dito, é fulcral que cada pessoa se coloque no lugar da outra. Este é um imperativo categórico universal, mas de difícil compreensão. Quando o inevitável nos escolhe, aí sim, aí somos todos humanos e merecedores de compaixão. Nada melhor do que este belo pensamento para nos tornar mais sensíveis à miséria do outro: “A lei deve ser geral. Mas isso não basta. O indivíduo não precisa só de instituições, leis, procedimentos justos. Também precisa de afecto, ajuda, compaixão, companhia, cuidado. Os seres mais indefesos e vulneráveis – as crianças, os idosos, os desempregados, os estrangeiros – não reclamam do outro apenas justiça, também reclamam proximidade, apreço, amizade” (Camps, 2001, p. 64). Às crianças, aos idosos, aos desempregados, aos estrangeiros, acrescentaria também as mulheres. Já que a proximidade, o apreço e a amizade levam claramente à justiça, ao respeito e à bondade.

## **EM JEITO DE CONCLUSÃO**

Mulher! Palavra que nos remete para a essência afetiva de existir, recebendo-nos com o seu sorriso e as suas lágrimas, acolhendo-nos aberta e dedicadamente, construindo pontes que se acercam da forma genuína de viver. O seu carisma traz à luz um modo de

estar e sentir a vida com intelecto e emoção. Por isso, a sua presença é tão necessária e a sua voz tão admirável. Desde a Grécia Antiga que a mulher tem vindo a ser afastada, relegada, oprimida. Tristemente, esta postura continua a persistir nos espíritos mais obsoletos, mais tristes, mais inseguros. Por outro lado, verifica-se que algo tem vindo a mudar no seio da sociedade. A mulher, paulatinamente, faz-se ouvir e é reconhecida pelo seu trabalho, pela sua expressão, pelo seu engenho. E, não há nada nem ninguém que a faça parar. Este tempo é nosso. É o tempo da forma justa de existir.

Independentemente da dificuldade que a mulher tem tido ao longo dos tempos em afirmar-se e impor-se nos cargos de gestão das instituições, a sua palavra continuará a ecoar por esse mundo fora; independentemente de se ver, todavia, confinada ao papel de mãe e esposa, o seu ânimo não esmorece; independentemente de ser preterida como treinadora, ou como agente de arbitragem, ou como dirigente desportiva, ou como coordenadora de um partido político, a sua intenção não deixa de fazer sentido: “Mas são os Quixotes ocasionais que dão dignidade e sentido à humanidade de sempre” (Torga, 1993, p. 14). Esta caminhada quixotesca confere-lhe grandeza e resistência, tal prova de fundo, cujo sofrimento parece longe de terminar. Porque o seu ideal pretende transformar moinhos em gigantes, sem nunca deixar de sentir a sedução do infinito.

Faz falta uma “lei” que sinta a vida de forma autêntica, anulando todas as formas de decadência e incultura, visto esta crise que se instala no seio da nossa perplexidade ser o reflexo da pouca consistência moral que nos assola e nos agrilhoa à trágica pedra de Prometeu. A ética do dever deve espriar-se a toda a pessoa humana, sempre e em qualquer lugar. A “lei” de que aqui se fala posiciona-se antes da lei e da ação das autoridades públicas. O que importa antes de tudo é nutrir o coração do ser humano, levando-o ao reencontro do amor e do cuidado: “Importa colocar cuidado em tudo: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.” (Boff, 2011, p.92). Levando-o a perceber a essência da vida e do desporto, através de uma formação que o inspire a superar-se na arte de ser também o outro.

Deste modo, escrevemos e sentimos e contemplamos e existimos. Sem pressas, mas com a consciência do dever cumprido. Passo a passo, vamos transformando o mundo.

Pouco a pouco vamos transformando o que somos. Voltemos à excelsa poesia de Sophia, com o intuito de distribuir beleza pelo mundo, de aclamar a Mulher e de lhe prestar a homenagem de sublimidade que ela bem merece:

*Há mulheres que trazem o mar nos olhos  
Não pela cor  
Mas pela vastidão da alma  
E trazem a poesia nos dedos e nos sorrisos  
Ficam para além do tempo  
Como se a maré nunca as levasse  
Da praia onde foram felizes.*

*Há mulheres que trazem o mar nos olhos  
Pela grandeza da imensidão da alma  
Pelo infinito modo como abarcam as coisas e os Homens...  
Há mulheres que são maré em noites de tardes  
E calma.*

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Mar dos meus olhos*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Andresen, S. M. B. (2011). *Obra Poética*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Antunes, M. (2005). *Paideia: Educação e sociedade*. Tomo II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Araújo, H.; Magalhães, M.J. (2000). *Des-fiar as vidas: perspectivas biográficas, mulheres e cidadania*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Bauman, Z. (2006). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Bento, J. (1998). *Desporto e humanismo: o campo do possível*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Boff, L. (2011). *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Camps, V. (2001). *O século das mulheres*. Lisboa: Editorial Presença.

- Ferreira, M.R. (2007). A mulher como o “outro” – A filosofia e a identidade feminina. Separata da Revista da Faculdade de Letras do Porto: Filosofia, II série, volume XXIII/XXIV, 139-153.
- Gomes, P.B.; Silva, P.; Cruz, I. (2006). Deusas e Guerreiras dos Jogos Olímpicos. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Habermas, J. (2006). O futuro da natureza humana. A caminho de uma eugenia liberal? Coimbra: Almedina.
- Levinas, E. (2010). Ética e Infinito. Lisboa: Edições 70.
- Louveau, C. (2004). Desportistas condicionadas. In Ramonet, I.; Gresh, A.; Bulard, M. Mulheres Rebeldes. Lisboa: Campo da Comunicação, 23-29.
- Savater, F. (2011). Ética para um jovem. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Sloterdijk, P. (2011). Crítica da razão cínica. Lisboa: Relógio D'Água.
- Todorov, T. (1991). A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Livraria Martins Fonte Editora.
- Torga, M. (1989). Diário I. Coimbra [s.n.].
- Torga, M. (1993). Diário XVI. Coimbra [s.n.].
- Zambrano, M. (2003). Pessoa e Democracia: a história sacrificial. Lisboa: Fim de Século.